

# A Guerra Mexicana contra o Narcotráfico e a Iniciativa Mérida: Desafios e Perspectivas

## Mexico's War on Drugs and the Mérida Initiative: Challenges and Perspectives

Bruno Boti Bernardi\*

Meridiano 47 vol. 11, n. 120, jul.-ago 2010 [p. 60 a 65]

No dia 22 de outubro de 2007, os presidentes do México, Felipe Calderón, do Partido Ação Nacional (PAN), de centro-direita, e George W. Bush, dos Estados Unidos, anunciaram um programa de cooperação bilateral chamado Iniciativa Mérida, voltado ao combate do narcotráfico e das organizações criminais transnacionais envolvidas nesse lucrativo negócio e em outras atividades delitivas como o tráfico de armas e de pessoas. O programa era fruto de uma proposta que o presidente mexicano havia feito a Bush em março daquele ano na cidade mexicana de Mérida, Yucatán, e seu objetivo era melhorar e fortalecer as capacidades do Estado mexicano na luta contra o narcotráfico e o crime organizado, com o que se esperava aumentar a estabilidade e segurança do país. Diferentemente do Plano Colômbia, a Iniciativa Mérida não envolve participação militar norte-americana; ela se centra no oferecimento de apoio a atividades de inteligência e em programas de modernização do funcionamento das agências de segurança e de justiça mexicanas, com programas de capacitação, treinamento e transferência de equipamentos especializados.

O México é um importante produtor e fornecedor de heroína, metanfetaminas e maconha para o mercado norte-americano, e o mais importante país de trânsito da cocaína vendida nos Estados Unidos. Desde que o governo norte-americano teve êxito, no final dos anos 80, em diminuir o volume de drogas que chegava ao seu território pela rota do Caribe, da Colômbia a Miami, o México se converteu no território mais importante de trânsito de drogas para o mercado norte-americano, o que intensificou o problema do narcotráfico no país, a ponto de transformá-lo na fonte de violência de maior impacto político no México desde a Revolução de 1910<sup>1</sup>. De acordo com o Departamento de Estado, 90% de toda a cocaína que entra nos Estados Unidos chega através do México ou de suas águas territoriais, e um pequeno número de organizações de tráfico de drogas mexicanas controlam as mais significativas operações de distribuição de droga na fronteira, tendo expandido seu domínio sobre o mercado norte-americano em detrimento de outras organizações criminosas, em especial das colombianas (US State Department, 2010). A ameaça que tais organizações representam à segurança nacional mexicana e o temor norte-americano de que a instabilidade e violência ao sul de sua fronteira transbordem para dentro de seu território levaram os dois governos a firmar a Iniciativa, em busca de um bem comum altamente prioritário para os dois governos: um Estado mexicano mais forte que se encontre mais bem posicionado para combater o narcotráfico e o crime organizado (Velázquez; Schiavon, 2009)<sup>2</sup>.

\* Mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (2009) e Bacharel em Relações Internacionais pela mesma universidade (brunoboti@gmail.com).

1 Contribuíram também para o fortalecimento dos cartéis mexicanos o desmantelamento dos cartéis de Cali e Medellín e a implementação do Plano Colômbia.

2 O National Drug Intelligence Center (NDIC) do Departamento de Justiça dos Estados Unidos recentemente se referiu às organizações de tráfico de drogas mexicanas como a maior ameaça criminal organizada dos Estados Unidos. Segundo tal órgão, os cartéis de droga mexicanos são ativos em todas as regiões do país, dominam o tráfico em praticamente todas as áreas e operam em pelo menos 195 cidades norte-

A Iniciativa propunha originalmente um pacote de 1,4 bilhão de dólares em apoio financeiro norte-americano dirigido ao México que seria liberado ao longo de três anos (2008, 2009 e 2010)<sup>3</sup>. Em 2007, antes da negociação da Iniciativa Mérida, a ajuda norte-americana para combater o narcotráfico no México havia sido de apenas 36 milhões e 678 mil dólares, montante equivalente a 55% dos recursos destinados à Bolívia naquele mesmo ano e a 7,8% da ajuda à Colômbia (US State Department, 2008). A Iniciativa representava, assim, uma importante mudança qualitativa no grau de cooperação bilateral entre Estados Unidos e México, aprofundando decisivamente a cooperação de combate ao narcotráfico que, embora com importantes percalços, os dois países vinham desenvolvendo entre si desde os anos 70.

Após a aprovação da lei HR2642 pelo Congresso norte-americano, que se referia à ajuda a países estrangeiros e continha a Iniciativa Mérida, o Presidente Bush firmou, em 30 de junho de 2008, a Iniciativa, e os recursos começaram a ser liberados em dezembro do mesmo ano<sup>4</sup>. O financiamento provém de três fundos orçamentários: *International Narcotics Cooperation and Law Enforcement* (INCLE), administrado pelo Departamento de Estado; *Foreign Military Financing* (FMF), administrado pelo Departamento de Defesa; e o *Economic Support Fund* (ESF), administrado pela Agência de Cooperação Internacional dos Estados Unidos (USAID) (Seelke, 2010). Até este momento 1 bilhão e 330,3 milhões de dólares foram aprovados para o México, valor um pouco abaixo do montante originalmente previsto da Iniciativa.

O objetivo do governo mexicano com a Iniciativa Mérida era o de que os Estados Unidos reconhecessem sua corresponsabilidade frente ao tema do narcotráfico, em razão da demanda por narcóticos, do tráfico de armas e da lavagem de dinheiro que, originados em seu território, alimentam a ação dos cartéis mexicanos. A respeito do tráfico de armas, por exemplo, as estatísticas do *Bureau of Alcohol, Tobacco, Firearms and Explosives* indicam que cerca de 87% das armas pertencentes aos diversos cartéis de droga confiscadas pelas autoridades mexicanas nos últimos cinco anos são originárias dos Estados Unidos (GAO, 2009). Esses dados somados à demanda por drogas do mercado norte-americano – que segundo estimativas gera entre 30 e 32 bilhões de dólares em lucros para o crime organizado no México (Friedman, 2010) – dão uma dimensão da natureza transnacional da ameaça e demonstram a necessidade de um enfrentamento conjunto do problema.

Num passo sem precedentes, o governo Calderón reconheceu com a Iniciativa Mérida a incapacidade do Estado mexicano de enfrentar sozinho a ameaça à segurança do país, e pediu a cooperação norte-americana para enfrentar os grandes cartéis de droga mexicanos. O tema de segurança nacional mexicana converteu-se, assim, no assunto dominante da relação bilateral, e a Iniciativa transformou-se num dos principais eixos da política externa calderonista, tomando o lugar que antes fora ocupado, na política externa do governo Fox (2000-2006), pela agenda migratória, em especial pela proposta mexicana de um amplo acordo migratório com os Estados Unidos que ficou conhecida como *enchilada completa*.

O governo Obama tem dado continuidade ao programa e tem manifestado seu apoio ao governo Calderón, num momento em que a escalada da violência no México tem gerado um descontentamento interno crescente de atores sociais, econômicos e políticos com a estratégia calderonista de guerra contra o narcotráfico, considerada por muitos como uma guerra falida (Castañeda; Aguilar, 2009). Em visita ao México, em março de 2009, a secretária de Estado

---

americanas (Otero, 2010). Em 2009, um relatório do U.S. Joint Forces Command, ligado ao Departamento de Defesa, já havia afirmado que o colapso repentino do México em razão da pressão do tráfico de drogas e a possibilidade de irrompimento de uma guerra civil no Paquistão eram as duas piores ameaças para os Estados Unidos e para a segurança global (Valdez, 2009). Tais declarações evidenciam a preocupação do governo norte-americano com a atuação de organizações de tráfico de drogas mexicanas, tanto no México quanto nos Estados Unidos.

3 A Iniciativa Mérida reservava ainda recursos adicionais para os países centro-americanos, República Dominicana e Haiti.

4 Vale ressaltar que a liberação dos recursos a cada ano fica sujeita à apreciação e aprovação pelo Congresso norte-americano, o que expõe a Iniciativa Mérida às condições políticas domésticas norte-americanas. Isso pode levar a demoras na implementação do programa e a diferenças entre o valor originalmente estipulado de suas ações e sua execução de fato. Em 2008 e 2009, por exemplo, a preocupação de congressistas com violações de direitos humanos cometidas por militares mexicanos em ações de combate ao narcotráfico atrasou a entrega de recursos ao México.

Hillary Clinton mais uma vez reconheceu publicamente a responsabilidade dos Estados Unidos no tema do narcotráfico, posição novamente reafirmada em visita de Obama ao México, em abril de 2009, e na recente visita oficial do presidente Calderón aos Estados Unidos, em maio deste ano. Além disso, o governo Obama vem tentando estender a Iniciativa Mérida, cujo cronograma inicial terminaria neste ano, incluindo recursos da ordem de 310 milhões de dólares endereçados ao México no projeto de orçamento para o ano de 2011 (Seelke, 2010). A maioria dos fundos alocados para a Iniciativa Mérida até aqui foi utilizada em gastos com transferência de tecnologia, equipamentos caros de segurança, como aeronaves, e treinamento de forças de segurança, mas o que o governo Obama tem defendido é a implementação de uma nova abordagem para o programa que priorize mais a ajuda a ações de *institution building* no México. Nesse sentido, o objetivo é o de tentar criar projetos-piloto de sucesso, em cidades como Tijuana e Ciudad Juárez, utilizando uma abordagem holística para enfrentar os desafios de segurança pública dessas áreas que poderia ser replicado depois em outras partes do país. Dos 310 milhões em recursos que o governo Obama pretende aprovar no orçamento de assistência ao México de 2011, o programa chamado “Governing Justly and Democratically” é o mais importante, concentrado 207 milhões, o que demonstra a intenção do governo Obama de privilegiar, dentro da Iniciativa, a construção de fortes instituições civis e a consolidação do Estado de Direito no México como o melhor caminho para enfrentar as organizações de tráfico de drogas mexicanas (ibidem).

Ao se analisar os resultados obtidos até aqui pela Iniciativa Mérida, inserindo o programa dentro dos marcos mais gerais da guerra contra o narcotráfico empreendida pelo governo Calderón, fica claro, no entanto, que a estratégia militarizada de combate frontal do governo mexicano não foi capaz de diminuir a narco-violência no país ao longo desse período. Em vez disso, assistiu-se a uma maior penetração e corrupção do Estado pelos cartéis e a uma escalada da violência, que inclusive ameaçou a segurança de várias das eleições estaduais mexicanas realizadas em 4 de julho deste ano. Nesse contexto, a cooperação bilateral norte-americana tem se mostrado também claramente insuficiente frente ao enorme desafio representado pelos cartéis de droga mexicanos. Ela pode gerar resultados positivos de médio prazo, na medida em que seu objetivo é o de melhorar as capacidades organizativa e de inteligência do Estado mexicano, mas o sucesso do combate ao narcotráfico parece depender muito mais de outras variáveis, como uma efetiva cooperação e coordenação entre as instituições de segurança dos três níveis do governo mexicano que ainda se mostra bastante deficiente<sup>5</sup>; um esforço mais pronunciado de ataque aos ativos patrimoniais dos grupos criminosos e de combate e prevenção da corrupção política e de funcionários públicos; e o enfrentamento de fatores de risco ligados a saúde, educação, mercado de trabalho, violência intrafamiliar e infraestrutura social que levam milhares de jovens a se juntar aos grupos de crime organizado (Buscaglia, 2010, pp. 97-8).

Além disso, a voracidade do mercado norte-americano por narcóticos e a dificuldade dos governos norte-americanos em restringir o fluxo de armas que entram no México e acabam nas mãos dos cartéis não parece oferecer grandes perspectivas de sucesso para o enfoque militarizado, de combate à oferta, empregado pelo governo Calderón. Nesse sentido, cada vez mais crescem as vozes dentro do México que defendem uma abordagem focada não na utopia da extinção da oferta de drogas e na derrota definitiva dos cartéis, mas na redução dos danos e no controle dos efeitos colaterais do narcotráfico, como violência, corrupção e questões de saúde pública.

## Balanço da Estratégia

Logo após sua posse em dezembro de 2006, Felipe Calderón Hinojosa adotou uma política de combate frontal ao narcotráfico que se transformou na prioridade de seu governo, e que foi por ele denominada como uma guerra “sin tregua ni cuartel”. É preciso ter em mente o contexto de implementação dessa política, e lembrar que o processo

5 Existe um consenso de que os órgãos de inteligência e forças de segurança federal, estadual e municipal, bem como os sistemas de justiça civil e penal (polícias, ministérios públicos e juizes) e os serviços penitenciários no México carecem de uma coordenação interinstitucional efetiva, o que favorece a ação de organizações de tráfico de drogas.

eleitoral que o conduziu à presidência foi extremamente polarizado; sua margem de vitória foi de apenas meio ponto percentual, uma série de irregularidades foram detectadas durante o processo eleitoral (Crespo, 2008), e o candidato de esquerda Andrés Manuel López Obrador, do PRD (Partido da Revolução Democrática), apoiado por cerca de um terço do eleitorado, não reconheceu o resultado e alegou existência de fraude. Frente à crise de legitimidade e a uma situação de violência crescente herdada do governo Fox, marcada, desde 2005, pelo aumento das disputas por rotas de tráfico e mercados entre os cartéis, Calderón implementou sua estratégia de combate frontal ao narcotráfico na expectativa de aumentar sua legitimidade doméstica e melhorar a segurança do país.

A estratégia de combate ao narcotráfico do governo anterior do PAN, de Vicente Fox (2000-2006), centrada na prisão dos líderes dos principais cartéis de droga, gerou no país um desequilíbrio entre as diferentes organizações do narcotráfico, alimentando, em particular, um conflito entre o cartel de Sinaloa e o do Golfo por algumas rotas e mercados, sobretudo na região de Nuevo Laredo, o que fez com que a violência relacionada ao narcotráfico no país aumentasse nos anos de 2005, 2006 e 2007 (Chabat, 2010). Ao assumir a presidência, Calderón se depara com essa situação e para enfrentá-la implementa uma série de operações militares em vários Estados afetados pelo narcotráfico, começando pelo Estado de Michoacán, ao qual se seguiram depois sete outras operações de envio de tropas aos Estados de Baja California, Sinaloa, Durango, Tamaulipas-Nuevo León, Chihuahua, Guerrero e Quintana Roo.

O governo mexicano tem recorrido de maneira crescente, desde meados dos anos 90, durante o último governo do PRI (Partido Revolucionário Institucional), do presidente Ernesto Zedillo (1994-2000), às Forças Armadas em ações contra o narcotráfico, política que atingiu seu ápice na atual administração, com o uso inédito de mais de 45 mil soldados em ações de apoio a autoridades civis no combate aos cartéis. Todavia, o aumento da utilização de forças militares no lugar das desacreditadas forças policiais estaduais e municipais do país, tradicionalmente vistas como corruptas e infiltradas pelo narcotráfico, apenas intensificou até aqui a espiral de violência, com um crescimento expressivo de enfrentamentos entre os distintos cartéis e entre estes e as forças de segurança do Estado. Entre 1990 e 2007, no período anterior, portanto, ao início da guerra contra o narcotráfico, o México experimentou um declínio de 39% no número absoluto de mortes causadas por homicídios, que caíram de 14.520 em 1990 para 8.868 em 2007. Em oposição a essa tendência, em apenas um ano, 2008, última data para a qual há estatísticas oficiais, houve um aumento de 58% de casos de homicídios no país, totalizando 14.007 mortes violentas, das quais mais de um terço são resultado da violência decorrente do narcotráfico, proporção cuja tendência é de aumento mantido o ritmo atual da campanha contra os cartéis (Polanska, 2010).

Num relatório confidencial entregue pelo governo Calderón a legisladores em abril deste ano que vazou para a imprensa mexicana, o governo mexicano apresentou pela primeira vez dados oficiais das mortes relacionadas ao narcotráfico, os quais novamente confirmam que a guerra contra os cartéis inicialmente apresentada como a solução para reduzir a violência no país aumentou, na verdade, o número de assassinatos de maneira drástica. Entre dezembro de 2006 e março de 2010, houve um total de 22 mil 743 mortes vinculadas ao narcotráfico segundo o governo mexicano. Em dezembro de 2006, quando Calderón tomou posse, registraram-se 62 homicídios; em 2007, 2 mil 837; em 2008, 6 mil 844; em 2009, 9 mil 635; e de janeiro a março de 2010 registraram-se 3 mil 365 (El Universal, 14 de abril de 2010). Ainda que a taxa de homicídios do México, de cerca de 10 homicídios para cada 100 mil habitantes, seja consideravelmente mais baixa do que a de muitos outros países, como a do Brasil – de aproximadamente 25 homicídios para cada 100 mil habitantes –, a escalada da violência ligada ao narcotráfico e a disseminação constante pelos meios de comunicação dos crimes cometidos pelos cartéis, como decapitações e execuções, têm aumentado a percepção pública de insegurança em todo o país, mesmo nas áreas relativamente menos afetadas pelo narcotráfico. Porém, no norte do país, área mais afetada pela violência, onde está localizada Ciudad Juárez, hoje a cidade mais perigosa de todo o mundo, os números não deixam margens para discussão sobre a extensão da ameaça, que cada vez mais se dissemina para outras regiões do país: no Estado de Chihuahua a taxa de homicídios atingiu a marca alarmante de 143 mortes para cada 100 mil habitantes.

Mas não é apenas o número de mortos que tem levantado dúvidas sobre a estratégia em curso<sup>6</sup>. Apesar dos vultosos recursos gastos pelo Estado em operações e esforços de combate ao narcotráfico, que em 2009 totalizaram 4,3 bilhões de dólares (Astorga; Shirk, 2010, p. 4) e que em 2010 serão de 6,9 bilhões (Seelke, 2010, p.8), o valor das drogas confiscadas pelo governo corresponde a apenas 4,65% do valor total do comércio de drogas, enquanto que as apreensões de armas ilegais que entram no país respondem somente por 1,4% do valor total desse negócio (Luna, 2010, p. 84). Mesmo o montante de 1,4 bilhão de dólares estabelecido inicialmente para os três anos da Iniciativa Mérida empalidece-se perante a robustez do narcotráfico, visto que, anualmente, os narcotraficantes mexicanos e colombianos lavam entre 18 e 39 bilhões de dólares em lucros nos Estados Unidos (Johnson, 2009), recursos que podem utilizar na compra de armas, recrutamento de novos membros e também na corrupção de policiais e funcionários governamentais.

Desse modo, a despeito dos esforços e da cooperação entre México e Estados Unidos, que contrasta com um passado em que a colaboração entre os dois países no tema do narcotráfico era marcado pela desconfiança, é possível concluir que os avanços na redução da oferta, consumo e potência psicotrópica das drogas continuam muito tímidos frente ao tamanho do desafio representado pelo narcotráfico, enquanto se assiste a um aumento preocupante da violência no país a cada ano. Mais uma vez o enfoque de “guerra contra as drogas” parece não oferecer os resultados esperados, e a estratégia militarizada de combate frontal do governo mexicano junto da Iniciativa Mérida – até aqui centrada no oferecimento de treinamento e equipamentos para as forças de segurança mexicana – mostram, assim, dificuldades para lidar com o problema. O governo Obama tem tentado se afastar do conceito de guerra contra as drogas cunhado pelo presidente Nixon, e inclusive anunciou sua disposição em enfrentar a questão do consumo de drogas nos Estados Unidos, requisitando um aumento de 13,4% – cerca de 5,6 bilhões de dólares – nos recursos destinados à matéria dentro da proposta de orçamento de 2011. Todavia, os recursos destinados à supressão da oferta dentro e fora dos Estados Unidos são ainda mais de três vezes superiores aos dos programas de redução da demanda, enquanto que do lado mexicano o governo mexicano insiste no seu foco de combate militarizado. Uma reavaliação das estratégias em curso parece necessária em face dos desafios, mas de nenhum lado da fronteira há sinais encorajadores de que isso venha a ocorrer.

## Referências Bibliográficas

- VELÁZQUEZ, Rafael; SCHIAVON, Jorge (2009). *La Iniciativa Mérida en el marco de la relación México-Estados Unidos*. México, D.F.: Centro de Investigación y Docencia Económicas (CIDE), Documento de Trabajo n. 186, julio de 2009.
- CHABAT, Jorge (2010). *La Iniciativa Mérida y la Relación México-Estados Unidos: en busca de la confianza perdida*. México, D.F.: Centro de Investigación y Docencia Económicas (CIDE), Documento de Trabajo n. 195, enero de 2010.
- U.S. STATE DEPARTMENT (2008), *International Narcotics Control Strategy Report*. Disponível em: <http://www.state.gov/p/inl/rls/nrcrpt/2008/vol1/html/100774.htm>. Último acesso: 7.jul.2010
- U.S. STATE DEPARTMENT (2010). *International Narcotics Control Strategy Report*. Disponível em: <http://www.state.gov/p/inl/rls/nrcrpt/2010/index.htm>. Último acesso: 8.jul.2010.
- SEELKE, Clare Ribando (2010). *Mérida Initiative for Mexico and Central America: Funding and Policy Issues*. Congressional Research Service Report, April 2010. Disponível em: <http://fpc.state.gov/documents/organization/141560.pdf>. Último acesso: 7.jul.2010.

6 O governo mexicano e alguns analistas argumentam, no entanto, que o número de mortos relacionados ao narcotráfico não deve ser motivo de preocupação, pois 90% dos homicídios ocorrem entre membros do crime organizado. Apenas uma pequena fração de inocentes seria vítima da violência, visão contestada por vários acadêmicos e atores sociais.

- FRIEDMAN, George (2010). "Mexico and the Failed State Revisited", Stratfor Global Intelligence. Disponível em: [http://www.stratfor.com/weekly/20100405\\_mexico\\_and\\_failed\\_state\\_revisited](http://www.stratfor.com/weekly/20100405_mexico_and_failed_state_revisited). Último acesso em: 08.jul.2010
- U.S. GOVERNMENT ACCOUNTABILITY OFFICE (GAO) (2009). "Firearms Trafficking. US Efforts to Combat Arms Trafficking to Mexico Face Planning and Coordination Challenges". Disponível em: <http://www.gao.gov/products/GAO-09-709>. Último acesso: 08.jul.2010
- JOHNSON, David T. (2009). "Guns, Drugs and Violence: The Merida Initiative and the Challenge in Mexico," pronunciamento perante o Subcommittee on the Western Hemisphere of the House Foreign Affairs Committee, março de 2009. Disponível em: <http://www.state.gov/p/inl/rls/rm/120679.htm>. Último acesso: 08.jul.2010
- LUNA, Armando Rodríguez (2010). "Aims and Limits of the Mérida Initiative", *Voices of Mexico*, n. 87, Spring-Summer, México: CISAN-UNAM, pp. 83-86.
- CASTAÑEDA, Jorge; AGUILAR, Rubén. *El Narco: La Guerra Fallida*. México, Ed. Santillana, 2009.
- CRESPO, José Antonio. 2006: *hablan las actas. Las debilidades de la autoridad electoral mexicana*. México, Ed. Debate, 2008.
- ASTORGA, Luis; SHIRK, David A (2010). "Drug Trafficking Organizations and Counter-Drug Strategies in the U.S.-Mexican Context". Woodrow Wilson Center for International Scholars; Trans-Border Institute, University of San Diego: Working Paper Series on U.S.-Mexico Security Cooperation. Disponível em: <http://wilsoncenter.org/topics/pubs/Drug%20Trafficking%20Organizations.%20Astorga%20and%20Shirk.pdf>. Último acesso: 8.jul.2010
- EL UNIVERSAL (2010), "Guerra antinarco suma 22 mil 700 muertos", 14 de abril. <http://www.eluniversal.com.mx/primera/34771.html>. Último acesso: 8.jul.2010
- OTERO, Silvia. "Narco mexicano domina casi 200 ciudades de EU", El Universal, 7 de março de 2010. Disponível em: <http://www.eluniversal.com.mx/nacion/176124.html>. Último acesso: 8.jul.2010
- VALDEZ, Diana Washington. "Joint Forces report warns Mexico could destabilize", ElPasoTimes. Disponível em: [http://www.elpasotimes.com/ci\\_11447730](http://www.elpasotimes.com/ci_11447730). Último acesso: 8.jul.2010
- POLANSKA, Malgorzata (2010). "Homicides and organized violence in Mexico, 1990-2008", *Voices of Mexico*, n. 87, Spring-Summer, México: CISAN-UNAM, pp. 95-100.
- BUSCAGLIA, Edgardo, "Mexico pierde la Guerra," *Revista Esquire México*, número 18, marzo, pp. 95-101.

Recebido em 08/07/2010

Aprovado em 30/07/2010

## Resumo

O texto faz um balanço da estratégia de combate frontal do governo Calderón ao narcotráfico e da cooperação bilateral entre México e Estados Unidos no assunto, salientando os desafios que se colocam diante do enfrentamento às organizações de tráfico de drogas mexicanas.

## Abstract

The article reviews the Calderón administration's strategy of using the military against drug trafficking and the bilateral US-Mexico cooperation on the subject, highlighting the challenges lying ahead as Mexico's government continues its fight against Mexican drug trafficking organizations.

Palavras-chave: México, Narcotráfico, Iniciativa Mérida

Key words: Mexico, Drug Trafficking, Mérida Initiative